

“Marijuana and panic disorder”

Deborah Deas, M. D; Lori Gerding, M. D.; Janice Hazy, M.S.N.
Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 2000;
39: 1467

Resenhado por: Madalena de Castro Santos

Uma importante correlação entre o uso da maconha e os ataques de pânico

178

Este artigo, recentemente publicado no *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, refere-se a um caso de Distúrbio de Pânico, num rapaz de 15 anos de idade admitido no “Youth Division – Intensive Outpatient Program” da Universidade de Ciências Médicas da Carolina do Sul, para tratamento de abuso de maconha e distúrbios comportamentais de caráter agressivo. Informações paralelas revelaram que ele vinha usando mais maconha do que ele próprio reportara. O paciente admite o uso ocasional de álcool. Foi atendido pelo serviço de emergência com sintomas de ansiedade, palpitações, visão turva e dor de cabeça. O exame laboratorial foi positivo para canabinóides. Uma reação de ansiedade secundária à ingestão da droga foi diagnosticada e ele foi aconselhado a interromper o uso da maconha. O paciente apresentou episódio similar um mês mais tarde, o que ocasionou nova visita à emergência. O teste foi mais uma vez positivo para canabinóides. Não havia outros achados clínicos significativos.

Em uma nova visita à emergência, aproximadamente cinco meses mais tarde, o paciente apresentava agitação, sentimentos de despersonalização e paranóia, acrescidos aos sintomas anteriores.

Esse jovem continuou apresentando subseqüentes episódios com os sintomas acima descritos, preenchendo os critérios diagnósticos de Distúrbio do Pânico com Agorafobia do DSM-IV.

Estudos alertam para o fato de que a idéia de que o uso da maconha comportaria baixos riscos, assim como sua disponibilidade, colaboram para a grande prevalência de sua utilização, superior até mesmo à do álcool. Devemos considerar aqui que este estudo feito nos Estados Unidos retrata uma realidade peculiar, num país onde o controle do uso de substâncias ilícitas é rigoroso e onde há uma cultura do-

minante entre os próprios jovens de que álcool e direção de veículos são incompatíveis, e onde o acesso às drogas é muito mais restrito que no Brasil.

Conclui o artigo que ataques de pânico, paranóia e despersonalização estão entre os efeitos adversos do uso da maconha.

Na prática clínica, embora advertidos desses efeitos, muitos adolescentes os encaram como um fenômeno transitório, associado às “viagens”.

Relatos de sintomas de ansiedade aguda e ataques de pânico seguidos do uso da maconha foram bem documentados (Bialos, 1970). Enquanto não há estudos suficientes sobre a eventual continuação dos ataques de pânico em adolescentes que abandonaram o uso da maconha, a persistência da despersonalização foi verificada em adultos mesmo depois de suspenso o uso (Moran, 1986).

No caso aqui reportado, os sintomas de pânico persistiram na abstinência do uso, e portanto confirma-se o diagnóstico de pânico com agorafobia. A maconha pode ter mascarado uma subjacente vulnerabilidade ao pânico. Talvez haja um subgrupo de pacientes mais sensíveis aos usos adversos da *Cannabis*. Isso não foi reportado na literatura sobre os adolescentes, e pode ter implicações para os programas educacionais preventivos.

O artigo evidencia a necessidade de pesquisas quantitativas e qualitativas nessa área. A dependência do uso de drogas ilícitas, assim como as lícitas, é um problema de saúde pública, e essa questão não se reduz ao tratamento médico, porque envolve outros aspectos tais como os valores sociais, os padrões culturais de comportamento, e as questões legais do uso, do tráfico e comercialização de drogas.

179

“Las ‘psicosis transitorias’ a la luz del concepto de ‘forclusión local’ de J. D. Nasio”

Emiliano del Campo

Revista de Psicoanálisis y Cultura – Acheronta, n. 12, diciembre 2000

Resenhado por: Luciana Mary Zaros Razzo

Em busca de um novo olhar sobre a(s) psicose(s)

O autor inicia resgatando toda historicidade do tema e seu significado em seu próprio trabalho clínico, ressaltando logo na introdução: “não há a psicose, mas sim as psicoses...”